

## O Imaginário Poético do Pescador Redeiro<sup>1</sup>

Odin Barbosa de Oliveira<sup>2</sup>  
Jéssica Caroline Correa da Silva<sup>3</sup>  
Alexandre dos Santos de Oliveira<sup>4</sup>

### RESUMO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa em curso sobre pescadores redeiros da comunidade do Maranhão no Município de Parintins-AM. Objetiva investigar a complexidade do sentimento de pertença dos pescadores no labor por meio do imaginário das águas. Neste viés o trabalho expõe a forte ligação do homem com o ambiente, a sua organização, os seus devaneios e a interação entre os agentes do grupo por meio do entendimento cosmológico da lua e da figura lendária da Iara mãe d'água, a qual, ganha uma forma mitológica no ambiente dos pescadores redeiros. Exploramos a teoria do imaginário material de Bachelard e as estruturas antropológicas do imaginário de Durand para explorar o universo do pescador redeiro. Este personagem conseguiu se identificar com as águas, a decifrá-la em profunda observação, num contado tão constante de modo a se ver nas águas, apaixonando-se pelas profundezas, não conseguindo desenvolver outras perspectivas que não sejam pelas veredas do rio. Às águas pertence o seu amor, a sua força corresponde ao brilho da lua, sua libido transcende o encanto que acontece no canto da Iara, seu devaneio é como a maresia que embala sua canoa no infinito sonho de uma vida melhor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imaginário; complexidade; labor; pescadores; Amazônia.

### INTRODUÇÃO

A partir de uma curiosidade e um apreço pela pescaria artesanal deu-se início a uma pesquisa que tem buscado muito além de sua motivação inicial. Estávamos dispostos a compreender a constante motivação da pescaria com redes dos pescadores,

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT IMAGINÁRIO E MITOPOÉTICA NA PAN-AMAZÔNIA do III Siscultura.

<sup>2</sup> Mestrando em Sociedade e Cultura na Amazônia pela UFAM. E-mail: odinbarbosa20@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda em Administração pelo ICZES-UFAM. E-mail: jessica55carol@gmail.com

<sup>4</sup> Doutor em Design pela PUC – Rio. E-mail: olialx@gmail.com



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



algo que vai além da formalidade, da necessidade de sobrevivência ou da conjuntura econômica da geração de renda. Notadamente há uma força centrípeta que atrai e seduz o pescador conduzindo-o a uma rotina laboral viciosa que instaura um sentimento de pertença profunda, tanto pelos devaneios que os levam, até o forte significado que lhes é dado através do imaginário. Percebendo esta relação hereditária dos pescadores da Comunidade do Maranhão, zona rural do Município de Parintins-AM pela natureza das águas, lançamo-nos no desafio de compreender a experiência dos pescadores redeiros detendo nosso olhar num dos grupos de pescadores que atuam nos rios da comunidade abordando relação mitológica e sobre representação da **Lua** e da **Iara** no universo dos pescadores.

Seguindo os passos de Morin (2005, pg.29) para quem o “progresso do conhecimento científico exige que o observador se inclua em sua observação”, ousamos experimentar o campo acompanhando e atuando no trabalho realizado pelo pescador - o observado - na perspectiva de sentir ou de tentar aproximarmo-nos ao máximo do sentimento que brota da experiência de ser um pescador redeiro. Essa inclusão nos permitiu compreender um pouco mais do trabalho realizado pelos pescadores redeiros e do presente trabalho que está sendo apresentado.

No processo de pesquisa estamos sendo conduzidos para além do imaginário formal, quando, por meio da experiência de interação com o objeto nos deparamos com a constituição da forma, afastando o *devir*, sentindo aquilo que Bachelard (1998, pg. 2) define como sendo o “peso”, o “coração” que da vida à forma. Esse coração ou esse peso é o sentimento que brota da relação criada e vivenciada pelo pescador, é o significado inefável do devaneio humano, é o imaginário. Por mais que as palavras não sejam suficientes para descrever o magma desta pesquisa, buscamos ao máximo nos aproximar dessa realidade complexa do imaginário pela experiência e interação com o grupo de pescadores redeiros.

Neste sentido, este trabalho apresenta os resultados de uma investigação em curso e que tem como objetivo compreender a complexidade do imaginário dos pescadores redeiros no seu ambiente de trabalho, as águas, fazendo um corte epistemológico para o simbolismo da lua e do mito da Iara. As primeiras investigações



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



sobre o tema foram apresentadas em trabalho anterior (Odin, Oliveira e Silva, 2018), no qual nos ocupamos em identificar o personagem do pescador cambiteiro, atuante no grupo de pescadores redeiros, como um agente de Folkcomunicação por transmitir mensagens, sobre os cardumes de peixes que migram no rio, para os demais pescadores. O artigo aborda, ainda, a significação simbólica da rede de pesca para os pescadores, fazendo uma ligação da intimidade do homem - o pescador redeiro -, do objeto – a rede de pesca - e do campo de atuação, as águas. Na complexidade, compreendida por Morin (2005, pg. 30) como um procedimento de explicação “mais rico” por fazer uma distinção analítica e construir uma ligação entre as partes distintas; observador, observado e o campo, nos permite fazer essa distinção e criar uma comunicação que conceba os seus fenômenos, que interligam as partes, sem que haja exclusão de nenhuma delas, o que, para Morin (2005, pg. 30) é o esforço para “não sacrificar o todo à parte, a parte ao todo, mas por conceber a difícil problemática da organização”. Essa organização é a ligação das partes distintas no processo de observação ou a relação imaginária vivida pelo pescador com a natureza. No imaginário, que, para Pitta (2005, pg. 15), é “como a essência do espírito, à medida que o ato de criação, é o impulso oriundo do ser completo, é a raiz de tudo aquilo que, para o homem, existe”, compreendemos que é o fruto da justificação e compreensão humana daquilo que dá significado ao objeto que, por meio do imaginário, passa a existir como tal.

A metodologia utilizada está constituída por dois momentos. No primeiro, o *corpus* teórico foi construído utilizando-se de uma revisão de literatura sobre o pensamento complexo e sobre o imaginário. Com o pensamento complexo abordamos as teorias de Morin para abranger o máximo de elementos que compõe o campo de atuação do objeto da pesquisa, os redeiros, levando em consideração que estes elementos tornam possível a atividade da pesca, sendo que, dentro da pescaria os redeiros também são elementos constituintes. Com o imaginário, investigamos os trabalhos de Bachelard (1998), mais especificamente a obra “A água e os sonhos”, e de Durand (1997) e “As estruturas antropológicas do imaginário”. Com estes autores exploramos os “fenômenos” que ligam os elementos com o objeto, o campo e o sujeito, pelos significados que lhes são atribuídos por meio do imaginário. O segundo momento,



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



voltou-se para o campo social do pescador tradicional da Amazônia, através de uma observação participante realizada junto ao grupo de pescadores redeiros.

Para Morin (2005) toda organização viva carrega consigo uma inscrição genética que recebe hereditariamente de seus antepassados e as transmite por meio da reprodução a outras gerações. Trata-se daquilo que se transmite aos demais, a descendência, por meio da cultura vivida por um determinado grupo. Buscamos, então, vivenciar junto ao grupo de redeiros as experiências e aventuras corriqueiras do cotidiano dos pescadores para permitir uma melhor absolução do universo imaginário vivido por eles no ambiente das águas, visando que por meio da interação com o grupo, se aproximar ao máximo do objeto a que se trata o presente trabalho.

Os pescadores moram na própria comunidade e possuem como ponto de encontro, para reuniões ou para rumar à pesca, a casa do o pescador Pedro, o líder do grupo pesquisado. Ele é o pescador mais experiente e o dono das embarcações e do arreo que são utilizados na pescaria. Em sua residência, percebemos os detalhes que compõem as estruturas do lar. A casa é um refúgio e revela a intimidade das pessoas que habitam nela, cada cômodo possui uma profundidade, o lar é um corpo místico e vivo que pulsa sentimentos e significados ou, como para Durand (1997, pg. 244), é “a imagem da intimidade repousante”. Na casa, as paredes de madeira formam um quarto e uma cozinha que fica no fim da varanda que rodeia o quarto. No quarto são guardados objetos pessoais e é onde a família se recolhe para descansar. Na cozinha fica a geladeira, o fogão a gás, uma mesa pequena para as refeições e dois armários para guardar utensílios e mantimentos. Na parte da frente da casa, foi feita uma segunda varanda com telhas de fibrocimento, a mesma do restante da casa, e o piso de terra batida. Esse ambiente constitui a área de lazer do morador, trata-se de um refúgio, Durand (1997, pg. 244) diz que é “uma casa dentro da casa”, é o lugar onde há um conforto que remete ao sentimento de segurança, de paz, é o cantinho do aconchego. A varanda de terra batida, aparentemente o lugar mais simplório da casa, é também, utilizada para depósito de materiais diversos, como o motor rabeta, os remos, algumas cadeiras de plástico e um pouco de areia branca, para pequenas obras de alvenaria. O



porto fica na frente da casa e em uma ponte flutuante feita de madeira com garrafas *pets* ficam atracadas as embarcações.

## TEMPOS IMAGINÁRIOS DO PESCADOR

O redeiro é o ator, o personagem, o construtor, ele é ao mesmo tempo o sujeito ativo e o ser passivo sobre a ação. Trata-se de um personagem masculino que atua na feminilidade do cenário das águas. As águas contemplam em diversas culturas a figuração do feminino, suas ondas se assemelham com os cabelos de uma mulher, a profundidade e o mergulhar também retrata a feminilidade simbólica, Durand (1998, pg. 101) afirma que a constituição da “irremediável feminilidade da água é que a liquidez é o próprio elemento dos fluxos menstruais” e continua dizendo que o “arquétipo do elemento aquático e nefasto é o sangue menstrual”. A feminilidade da água afirmada por Durand nos remete a um sentido cíclico da mulher, podendo ser entendido também pela vida, morte e renascimento. A água possui uma íntima relação com a lua, que também apresenta ciclos, mas a marca desta forte ligação não são estes ciclos, porém é a feminilidade que a lua também possui na representação simbólica de sua forma. A lua, por sua vez, possui grande influência no cenário dos pescadores e é um dos principais fatores para a atividade da pesca.

A lua é um satélite natural que orbita em torno da Terra e, que, possui grande influência nos fenômenos naturais. Tais como nas marés, nas plantações e nos animais, a lua é um astro luminoso que reflete a luz solar e alterna-se em ciclos que “sugere sempre uma repetição” (DURAND, 1997, pg. 287). A lua segue um ciclo quaternário e surge como a primeira medida de tempo, suas quatro estações duram respectivamente um período de sete a oito dias cada estação. A lua surge no quadrante tempo como a primeira referência de calendário, e Durand (1997, pg. 286) nos recorda que o “calendário gregoriano (...) apela ainda para referências lunares”, indicando a forte influência temporal que a lua ainda exerce sobre algumas culturas do mundo.

Os pescadores também seguem o calendário lunar acompanhando os ciclos como indicadores do melhor período para realizar sua atividade. Os ciclos que indicam o melhor momento para realizar a atividade da pesca são os que possuem maior



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



luminosidade, sendo eles; a lua crescente, a lua cheia e a lua minguante. Na lua nova, por conta de sua pouca luminosidade, eles não saem para a pescaria. A luminosidade da lua influencia no metabolismo dos peixes fazendo com que se movimentem e saiam de seus abrigos. Segundo o pescador Oliveira (2018), “os peixes se agrupam em cardumes e se movimentem no ciclo de migração”, esse agrupamento ou essa movimentação dos peixes se dá pela influência luminosa e gravitacional da lua, os pescadores chamam esse período de a “força da lua”. Trata-se de uma força gravitacional, a qual possui fenômenos astronômicos extremamente importantes, não apenas para a atividade pesqueira, mas para a vida terrestre. Além do fenômeno conhecido como “força de maré” - por possuir influência gravitacional sobre as águas o que lhe sugere o nome – a lua influencia o aquecimento interno de nosso planeta permitindo que não ocorra um resfriamento sobre a crosta terrestre e que aconteça o equilíbrio climático necessário para a existência da vida na terra.

A lua possui a ambivalência simbólica da sua forma e nos convida a presenciar o positivo e o negativo, a luz e a sombra, o regime diurno e o regime noturno da imagem e está “indissoluvelmente ligada à feminilidade” (DURAND, 2018, pg. 102). Na perspectiva da luz, o positivo ou o regime diurno, ligamos o ser ao encontro com o seu exterior, a busca pelo poder, pela ascensão, pela verticalidade do homem. Para os pescadores, mesmo que a atividade da pesca ocorra durante o dia, é pela luz da lua que acontece a vitória da luta travada no seu labor. Nessa tangente, observamos que há uma corrida contra o tempo, tendo em vista que a constância dos peixes é determinada pelo período da piracema e que a possibilidade de sucesso na pescaria acontece sob a “força da lua”, então, os pescadores confrontam as águas, os ventos, a chuva e o sol até alcançarem o momento glorioso de capturar os peixes, até alcançarem a vitória.

De acordo com Pitta (2005, pg. 26) “as armas são o arquétipo correspondente à noção de potência do homem representada pelo gládio e pela espada”, mas os redeiros não possuem espadas ou gládios, porém, eles empunham a arma que lhes propicia a vitória, a rede de pesca. A lua lhes convida a lutar, lhes motiva ao combate e lhes proporciona a vitória, porém, a ambivalência de sua forma rebela-se pela sua escuridão. Na ausência da lua a escuridão predomina pela noite e assombra os dias dos redeiros



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



pelo período em que ela lhes nega a luz, nesse momento contemplamos o regime noturno do astro iluminado. No regime noturno da imagem temos o oposto do regime diurno, nesse momento o homem não é mais levado ao confronto ou à luta pelo poder, mas é levado a “descida interior em busca do conhecimento e da reflexão” (PITTA, 2005, pg. 29). No período em que não há lua, os pescadores são privados de sua atividade por não haver movimentação dos peixes, segundo o pescador Oliveira (2018) “os peixes se guardam, ficam abrigados, sem nenhuma ou quase nenhuma movimentação e não tem como pegá-los, pelo menos, é bem difícil”. Nesse período, os pescadores buscam fazer outra atividade retendo-se em suas casas ou viajando para a cidade para resolver problemas pessoais. Durante o ciclo escuro da lua, o redeiro se atém na sua outra vida, na reflexão de suas necessidades, de seus anseios, na atenção a sua família, nesse momento o pescador desce ao seu cantinho do aconchego para restaurar as energias físicas e psíquicas gastas na luta “diurna”.

A lua está associada ao drama temporal, ao noturno, e é sempre remetida as trevas por estar em oposição ao sol, maior símbolo do regime diurno da imagem por ser o portador da luz. Na ausência da lua, quando ela desaparece do céu por estar completando o ciclo orbital que dura cerca de três dias, diversos folclores acreditam que ela é engolida por um mostro. Por essa razão Durand (1997, pg. 102) afirma que “numerosas divindades lunares são ctônicas e funerárias”. As divindades ctônicas são entendidas como espíritos demoníacos, seres telúricos, que remetem à terra, na mitologia grega, são os deuses do submundo representados por Ares, Ades, dentre outros. Já as divindades fúnebres são relacionadas à morte, a passagem e à transição.

Acompanhamos os pescadores desde a sua saída na lua crescente, na força da lua a qual proporciona bastante movimentação dos cardumes de peixes. O ponto de encontro acontece no barco do senhor Pedro que fica atracado no porto de sua casa. O evento acontece pela manhã, bem cedo, antes de o sol nascer, pelas cinco ou cinco e meia. No alvorecer, deslumbramos o cenário fumacento do rio pelo frio deixado da noite e o torpor das águas espelhadas, ainda adormecidas, recebe o incomodo do banzeiro do barco de pesca. O reflexo das águas ou o espelho das águas para Bachelard (1998, pg. 23) “serve para naturalizar a nossa imagem, para devolver um pouco de



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



inocência e de naturalidade ao orgulho da nossa contemplação íntima”. Ao contemplarmos as imagens refletidas da floresta escura, em um tom onírico, e do próprio barco, lançamo-nos a uma interiorização de sentimentos e pensamentos reflexivos emanados desta naturalização, fomos por instantes, como os pescadores, para além das formas por meio dos devaneios, para a reflexão ou contemplação íntima a qual Bachelard comenta.

No silêncio do rio, o percutir da máquina do barco soa como um despertador de som grave e ecoante pelos igapós que molduram as restingas, ainda escuras, da margem do rio. O café da manhã é feito no próprio barco que tem sua partida assim que os pescadores embarcam. No café, cada pescador, ou alguns, colaboram com um pouco de alimento trazido de suas próprias casas, como pão, queijo e leite, o café coado é feito na própria embarcação. Essas relações construídas pelos pescadores, ao se reunirem em grupos, possui uma hereditariedade indígena descrita por Monteiro (2010, pg. 22) como “putirum, ajuri ou mutirão”. O putirum, ajuri ou o mutirão é um encontro organizado por uma pessoa ou família para a realização de uma ação conjunta podendo ser para um plantio, colheita, derrubada de mata, roçado, pescaria, dentre outras atividades. O principal objetivo do grupo é a colaboração para realização de uma pescaria de grandes proporções, para os pescadores da comunidade do Maranhão, seria a pescaria com redes. Ainda refletindo sobre a abordagem antropológica de Monteiro, ele faz uma ressalva sobre dois tipos de pescaria coletiva, sendo que uma consiste em uma formação de um grupo de pessoas a convite de um responsável, um líder, para pescar uma espécie definida de peixes (MONTEIRO 2010), este tipo de pescaria é a que mais se assemelha com a pescaria realizada pelo grupo de redeiros da Comunidade. O outro tipo de pescaria é de cunho comunitário e conta com a participação de todos os públicos de uma comunidade, homens, mulheres e até mesmo crianças (MONTEIRO, 2010).

O grupo de pesca dos redeiros da comunidade começa com um convite feito pelo pescador Pedro que, repassa as informações, precauções e define a prioridade das espécies para a pesca. No grupo dos redeiros a pesca é de cunho comercial e a remuneração dos pescadores convidados para realizar o serviço é monetária, também estipulada pelo pescador Pedro. O putirum, ajuri ou o mutirão, descritos por Monteiro,





III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



trata-se de uma colaboração sem remuneração específica, podendo ser uma refeição ou mesmo a partilha dos peixes capturados pelo grupo atuante.

No barco, durante o café da manhã, os pescadores interagem com conversas cômicas sobre inúmeros assuntos, tais como as últimas notícias dos telejornais, esportes, ou mesmo, sobre aventuras amorosas que tiveram ou que estão tendo. Nos intervalos das conversas sempre lembram e debatem sobre a última pescaria, sobre o que deveriam ter feito, qual direção o cardume havia tomado, as dificuldades naturais e físicas que estão tendo. A relação dos pescadores revela a constituição de um tipo de política hierárquica moldurada pelo respeito para com os pescadores mais experientes.

Seguimos por quinze minutos até chegar à foz do Rio Uaicurapá, que deságua no Rio Ramos, esse é o principal local da pescaria e onde atracamos a embarcação numa árvore caída sobre a restinga, exatamente onde as águas dos rios se encontram. Estávamos em quatro embarcações. Um barco de pequeno porte de quinze metros de comprimento com capacidade para armazenar, aproximadamente, seis toneladas de peixes. O barco é aconchegante, é um verdadeiro lar sobre a água, é onde os pescadores passam a maior parte do seu tempo. No barco há objetos pessoais, mudas de roupas, redes de dormir, cozinha, materiais suficientes para perpetuar uma moradia. Estavam ainda mais duas canoas de oito metros, de pequeno porte para o tipo de trabalho. Numa delas é colocada a rede de pesca e a outra segue vazia. A canoa vazia servirá para dar suporte quando os pescadores lancearem o cardume. Uma bajara, que é uma canoa grande com um motor de centro e que comporta isopores térmicos para armazenar pequenas quantidades de peixe, bem como fazer viagens rápidas à cidade, segue atracada ao lado do barco de pesca. Segue ainda, uma canoa pequena usada pelo cambiteiro ou o cumbuiador, que também são os personagens do grupo responsáveis pela observação da aproximação dos peixes, Monteiro (2010, pg. 22) define esse tipo de embarcação como um “casquinho ou montaria”. O cambiteiro ou o cumbuiador emitem o sinal para os pescadores que estão na canoa com a rede de pesca para que, os mesmos, se preparem para largar as redes. O grupo está composto por dez pessoas. Apenas uma fica no barco de pesca junto à bajara, um fica no casco, dois ficam na canoa vazia ou de



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



suporte e o restante fica na canoa com a rede, nós seguimos acompanhando os pescadores que estavam na canoa com a rede de pesca.

Ao chegar no local da pescaria, o sol ainda não nasceu, mas sua claridade já ilumina o cenário da pescaria, como que, as luzes de fundo de um teatro que aguarda ansioso pelo espetáculo. O vento começa a soprar e o rio começa a despertar preguiçosamente mostrando suas primeiras ondas. Na margem do rio a restinga tece uma borda esverdeada, pelo capim, e rendada pela vegetação de muri, bastante comum no período das vazantes nas áreas de várzea. O muri é um broto, um cipó fino e forte que cresce nas margens do rio, eles se entrelaçam uns com os outros, tal como, as raízes de um manguezal servindo de abrigo para os peixes que estão migrando no rio. Nesse momento descemos o rio para observar os peixes, o sol começa a mostrar seus primeiros raios, permitindo a luminosidade suficiente para dar início à pescaria.

Nos rios da Amazônia a água dá vida há inúmeros seres mitológicos que compõem o enredo cultural dos povos tradicionais da região sendo, para Serra Pinto (2008, pg. 7), “uma forma peculiar de leitura da realidade que é produto da diversidade das culturas”. Os redeiros contemplam essa leitura mitológica vivendo um retorno ao elemento primordial da água sobre a forma arquetípica da mãe, a qual, é lembrada pelos pescadores em seus diálogos - em alguns momentos em tom cômico - através da representação simbólica de Iara, a mãe d’água. Os redeiros conversam, brincam e rogam à Iara pela sua pescaria e chegam a fazer oferendas derramando pequenas quantidades de bebidas alcoólicas no rio para condicionar a divindade a prover pela pescaria. Para os redeiros, a Iara é a entidade que protege os pescadores e é a responsável pelo sucesso da pescaria, sendo ela a condutora dos peixes para as redes de pesca. Iara, a mãe d’água, se assemelha com inúmeras divindades de várias culturas, uma delas é com Iemanjá a rainha do mar, entidade mitológica de origem africana que foi abrazeirada e reverenciada por pescadores litorâneos.

A lenda da Iara mãe d’água narra a história indígena de uma bela mulher de pele morena e cabelos escuros, sua beleza era tamanha que despertou o ciúme de seus dois irmãos. Tomados pela inveja e pela raiva os dois irmãos decidiram assassinar Iara, esta, por sua vez, prevendo o ato de seus irmãos, foi mais esperta revertendo a situação



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



e, sem outra escolha, matando seus dois irmãos. Iara foi castigada por seu pai pelo crime cometido, como castigo, ela foi lançada no rio para morrer afogada, porém, os peixes salvaram-na transformando-a em uma sereia portadora de uma beleza e um canto magnífico. Iara passou a habitar nos rios e lagos encantando os pescadores com sua beleza e seu canto, os pescadores, encantados por ela, se lançam no rio para ir ao seu encontro e acabam morrendo afogados e os que conseguem escapar ficam loucos, devido ao encantamento que receberam da sereia. Iara é um nome indígena que significa aquela que mora nas águas. A relação simbólica do redeiro com a natureza pode ser percebida no uso desta representação mítica, a Iara.

Os redeiros fazem reverência a entidade mítica da sereia Iara como uma protetora, ignorando ou talvez desconhecendo a veracidade do mito, a sua ambivalência, pois assim como a personagem mítica é reverenciada como mãe das águas, sendo a protetora ou guardiã, ela também é a sedutora, aquela que encanta com sua beleza e usa a magia de sua bela voz para assassinar os pescadores, afogando-os nas águas. Os redeiros menosprezam esse lado obscuro do mito e buscam refúgio, ainda que comicadamente, nos deleites da Iara. Essa relação que os redeiros desenvolvem com a Iara, na perspectiva do mito, revela que eles notoriamente sucumbem ao encanto majestoso da sereia, depositando sua sorte nas mãos da figura mítica.

O lado obscuro do mito da Iara pode ser interpretado como sendo uma formação determinista de inferioridade feminina, associando a mulher ao mal. Nessa perspectiva Torres (2000) aborda sobre a influência que o branco teve ao intervir e modificar inúmeros relatos mitológicos, devido a influência determinista eurocêntrica durante o quinhentismo, contribuindo para deturpação da figura feminina no cenário amazônico. Torres (2000, pg. 170) destaca ainda a importância da criação de uma nova epistemologia “que instaure uma nova ordem de conhecimento diferente do pensamento único, dominante e universal”.

O mito da Iara caracteriza-se no âmbito dos pescadores por sua ambivalência. Os redeiros não levam em consideração o lado obscuro que o mito possui e nem a uma associação da mulher, tomada pela figura do mito como má ou inferior, mas fazem referência à uma mãe poderosa que rege a sorte dos pescadores. Essa relação destaca a



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



presença de um isomorfismo do contato do redeiro com a natureza, pois, ele não é a vítima da natureza nem seu algoz, mas são os diferentes que se encontram e se compreendem pela justificação simbólica presente no imaginário, o universo masculino em complemento do universo feminino, o pescador e a mãe d'água. São elementos que se sincronizam para permutar o respeito à vida do homem, do mito e da natureza.

A reverência à Iara mãe d'água é realizada pelos pescadores em momentos aleatórios do dia, tal como uma lembrança repentina que ocorre na mente dos redeiros. Durante a pescaria os pescadores prezam pelo silêncio que é interrompido por comentários sobre a observação dos peixes, que está sendo feita, algumas piadas ou algumas exclamações para Iara. Os comentários sobre os peixes são relacionados à sua espécie; se está misturado com algum outro tipo de peixe; o seu posicionamento, se ele está agrupado ou espalhado pela “beirada” do rio, dentre outras questões. Essa observação é feita pelo olhar lapidado por anos de prática desse tipo de trabalho e lhes dão uma grande exatidão sobre o imaginário criado pelos pescadores e a formalidade submersa. Para esta atividade é preciso bastante paciência, virtude esta, que gozam os pescadores.

Ao retratar a figura do pescador, Monteiro (2010, pg.22) diz que o pescador “conhece as manhas dos peixes, suas preferências por este ou aquele local (comedia), as idiossincrasias, o que come e onde dorme a época das ‘saídas’(piracema), onde desova, o tempo de demora no interior dos lagos”. Esses conhecimentos foram desenvolvidos pelos indígenas, por meio da observação, do estudo das espécies, e repassado para sua posteridade, o tapuio, o mestiço, o caboclo, o ribeirinho e assim por diante. Para os redeiros, bem como para qualquer outro pescador, é fundamental conhecer a natureza dos peixes, como aborda Monteiro, conhecer os hábitos de cada espécie, principalmente aquela a qual se deseja pescar. Os pescadores receberam esses conhecimentos de seus antepassados e buscam cada vez mais o aprimoramento e a eficiência da sua pescaria.



## CONCLUSÕES

Para compreendermos o imaginário poético do pescador redeiro é necessário entender que a construção desse universo poético emerge da complacência harmoniosa do homem com a natureza. O pescador não constrói o imaginário sozinho, ele efetua essa construção com seus pares tendo as águas e a floresta como cúmplice. Nesse processo ele(s) aciona uma série de estruturas imaginárias de tempos presentes e periféricos. Tais estruturas, aliadas ao modo de operar (laborar, sonhar, fabular, sentir e atuar), constroem o arcabouço sobre o qual o pescador dá sentido à vida, organizando suas percepções individuais e coletivas de forma única e unificada numa perspectiva integrada a sua capacidade de interação com o grupo, os demais pescadores, e com o ambiente, as águas.

A mitologia e o simbolismo vivido pelos redeiros engendram a complexidade da relação existencial do pensamento do homem com a natureza. Esse pensamento, ainda obscurecido pelo descaso com os sujeitos tradicionais da Amazônia, constitui o princípio de uma epistemologia narrada a partir dos próprios sujeitos tradicionais. Os redeiros mostraram grande motivação e alegria durante o processo da pesquisa. Os mesmos acreditam que é por meio “desses estudos que a realidade deles vai ser mostrada para todos, as dificuldades, e tudo mais” (OLIVEIRA, 2018).

Os pescadores redeiros da comunidade comungam com complacência da experiência cotidiana dos deslumbres da natureza das águas, investindo-lhes sua energia vital para o provento de sua sobrevivência. No seu âmbito, a complementaridade feminina surge sempre com uma polaridade positiva, desde a consulta lunar, para conduzir os melhores momentos para realização da sua atividade, até o ser mitológico representado pela Iara a mãe d'água para depósito de esperança e do sucesso da pescaria. De tal modo, os dias corriqueiros dos pescadores constituem sua figura emblemática, um personagem que serpenteia as águas dos rios sempre sonhando o dilema de dias melhores.



## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. (Trad. de Antônio de P. Danesi). São Paulo: Martins Fontes, 1998. Disponível em: farofafilosofica.com. Acesso: maio de 2012.

\_\_\_\_\_. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. **A psicanálise do fogo**. (Trad. de Paulo Neves). São Paulo: Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. (Tradução de M<sup>a</sup> Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaios sobre as imagens da intimidade. (Trad. de Paulo N. da Silva). São Paulo: Martins Fontes, 1990.

\_\_\_\_\_. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. (Trad. de Antonio de P. Danesi). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DURAND, Gilbert (2002). **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução a arquétipologia geral. 3.<sup>a</sup> ed. Tradução Helder Godinho. São Paulo: Martins Fontes.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **O Pescador**: histórias e instrumentos técnica e folclore / Mário Ypiranga Monteiro. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, EDUA, 2010.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8.<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro, 2005.

NORONHA, Nelson Matos, ATHIAS, Renato. **Ciências e saberes na Amazônia**: indivíduos, coletividades, gêneros e etnias. / Organizadores: Nelson Matos de Noronha, Renato Athias. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

OLIVEIRA, Pedro. **Entrevista I**. [setembro. 2018]. Entrevistador: Odin B. Oliveira. Parintins, 2018. 1 arquivo .mp3 (60 min.). A entrevista na íntegra encontra-se em posse do entrevistador.

PINTO, Marilina C. Oliveira Bessa Serra. **A Amazônia e o imaginário das águas**. Mesa-redonda Populações Amazônicas do 1<sup>o</sup> Encontro da Região Norte da Sociedade Brasileira de Sociologia, em 16/10/08 promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia PPGS/UFAM.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântida Editora, 2005.